

PÚCHKIN, TRADUTOR DE GONZAGA

Boris Schnaiderman¹

Resumo: A tradução ou paráfrase de um poema de Gonzaga para o russo, por Púchkin, feita, segundo indica, a partir de uma versão francesa livre, despertou interesse de estudiosos na Rússia e no Brasil. O presente artigo aborda o conhecimento mais amplo que se tem atualmente do contato de Púchkin com a poesia de Gonzaga.

Unitermos: Tradução poética. Literatura brasileira. Literatura russa.

Publiquei com este título, há muitos anos, um pequeno artigo no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*² e, depois, o reproduzi em meu livro *Projeções: Rússia / Brasil / Itália* (4). O artigo, evidentemente-

Abstract: The translation or paraphrase of a poem of Gonzaga to Russian, by Pushkin, carried out, it would seem, from a free translation into French, has drawn the attention of scholars in Russia and in Brazil. This paper deals with the available knowledge of Pushkin's contact with Gonzaga's poetry.

Key-words: Poetic translation. Brazilian literature. Russian literature.

te, é de difícil acesso, e o livro não se encontra mais em nossas livrarias, embora não esteja esgotado. Tomo, pois, a liberdade de reproduzir esse texto, modificando apenas a numeração das notas.

O interesse que tem havido ultimamente na Rússia pela literatura brasileira trouxe à baila em artigos de divulgação o fato de que Púchkin traduzira Gonzaga para o russo. E este fato requer um pequeno comentário.

A lira traduzida é a LXXI³. Segundo ficou estabelecido na União Soviética, a fonte de que Púchkin se servira fora a tradução em prosa francesa, de E. de Monglave e P. Chalas (3).

Essa tradução é precedida de um curioso prefácio, onde se lê, entre outras coisas:

“Nous ne parlerons pas de notre traduction; le droit de la juger appartient tout entier au public. Fidèles au précepte d'Horace, nous ne nous sommes pas servilement astreints à rendre mot par mot, phrase par phrase. C'est le génie du poète le plus aimable du Portugal que nous avons essayé de faire passer dans notre langue, en regrettant que le peu de flexibilité de la prose française ne nous ait permis de donner à nos lecteurs qu'une bien faible idée de son harmonie imitative, de son rythme souple et varié, de son style tour à tour gracieux, profond et énergique”.

Pois bem, na sua tradução, ou melhor, paráfrase, Púchkin parece às vezes basear-se mais nessas indicações tão vagas sobre a harmonia, o ritmo e o estilo das liras de Gonzaga do que na prosa de Monglave e Chalas. Sendo a fonte intermediária uma tradução livre, o poeta serviu-se dela apenas como diretriz geral e, desse modo, criou sem dúvida um dos poemas curtos mais belos de toda a literatura russa.

O texto de Monglave e Chalas é fluente, harmonioso, mas, além das diferenças devidas a uma tradução declaradamente livre, apresenta algumas incorreções. Eis ao que ficou reduzida (é realmente o erro mais grave da tradução) a estrofe

Na quente sesta,
dela defronte,
eu me entretinha
movendo o ferro
da sanfoninha

Dans le chaleurs de l'été,
m'entretenant avec elle,
je frappais négligemment
les cordes de ma guitare.

Esta supressão da cor local, do típico e específico do arcadismo brasileiro, empobreceu inevitavelmente o poema. No entanto, não podendo mostrar ao leitor, devido aos defeitos da fonte intermediária, o verdadeiro Gonzaga, com todo o seu misto de neoclassicismo e influência colonial brasileira, com os seus toques de realismo em meio ao artificialismo pastoril, Púchkin guiou-se pela intuição poética mais que pelo conhecimento do tema. Realmente, mesmo como homem de vastíssima cultura que era, ele poderia saber muito pouco a respeito de Gonzaga, da escola mineira de poesia e das circunstâncias reais em que o poema se baseava.

Ele escolheu quadras de versos (emparelhados) de sete sílabas, talvez como tentativa de adaptar-se a um metro tradicional na Península Ibérica. O curioso é que tudo isto afastava-o cada vez mais do poema original, quanto à construção e o metro, enquanto a sua intuição genial criava realmente uma aproximação quanto ao espírito geral da obra.

Gógol parece ter sido o primeiro a mostrar, num trecho dos seus tão malsinados *Excertos da Correspondência com Amigos*, que Púchkin tivera a capacidade extraordinária de assimilar o espírito dos outros povos e de uni-lo ao que havia no poeta de genuinamente russo, qualidade que Dostoiévski, em seu discurso no “Jubileu de Púchkin”, chamaria de profética, pois, segundo ele, expressaria a missão da Rússia: assimilar o que os demais povos criaram, identificar-se com eles, e levar ao mundo a palavra que permitiria realizar a união de todos os homens. Descontado o toque messiânico da afirmação dostoiévskiana, fica a definição de uma das características principais de Púchkin: a sua capacidade de assimilar o gênio dos povos mais diversos, sem deixar de ser visceralmente russo.

No caso do poema de Gonzaga, a versão russa transmite sobretudo o espírito pastoril, gracioso, do século XVIII. Já se escreveu muito sobre a ligação de Púchkin com a tradição daquele século. Na realidade, entrechocam-se no poeta russo o romantis-

mo e o classicismo, a medida e o equilíbrio dos árcades e os arroubos geniais de um grande byroniano (em relação a Byron, há nele uma atitude ambivalente de atração e repulsão). No entanto, uma das suas qualidades essenciais é a capacidade de reduzir o complexo e tumultuário, sem o empobrecer, a um esquema harmonioso, chegando, na aparência, a extremos de singeleza. E esta última qualidade é sobremaneira evidente no poema (o título parece sublinhar-lhe a intenção de lirismo singelo: "Do Português").

É possível que o próprio Púchkin não o considerasse propriamente uma tradução (escrito em 1825, só foi editado postumamente). Os artigos que publicou sobre o tema das traduções literárias mostram quão exigente ele era em relação a esse tipo de trabalho. Se considerava a tradução um "meio tão brilhante e tão insuficiente", e se concordava com o expresso por Monglave e Chalas sobre o absurdo das traduções literais, foi por outro lado severo com os tradutores infiéis, com os adaptadores, que chegaram a constituir uma tradição no século XVIII francês⁴. Ao mesmo tempo, porém, na sua obra recorreu às vezes à tradução livre e à paráfrase. Mas, nesta liberdade de transposição, quando deixava de ser propriamente um tradutor (chegou a definir os tradutores como os "cavalos de posta da instrução"), guiava-se certamente por um critério interpretativo seguro.

Na sua paráfrase da Lira LXXI, mesmo deixando de transmitir, devido à precariedade da tradução intermediária, alguns aspectos característicos da obra de Gonzaga, ele conseguiu uma aproximação de que unicamente um gênio da poesia seria capaz. É provável que apareça algum dia em russo uma tradução integral das liras de Gonzaga, pois a arte da tradução poética está particularmente desenvolvida na Rússia. Mas, apesar de todas as possibilidades maiores de aproximação com o mundo de Gonzaga, e não obstante a minúcia e honestidade que têm revelado diversos tradutores russos de poesia, dificilmente se atingirão a pureza, a simplicidade, o toque lírico, a perfeição vocabular do poemeto de Púchkin.

Dito isso, faltaria, segundo certas normas da divulgação literária, uma tradução, ainda que em

prosa, da obra comentada, para se acompanhar, passo a passo, o trabalho de tradução ou de paráfrase de Púchkin. Todavia, não o farei. Jamais! Voltando ao português, numa terceira tradução, o texto não só teria muito pouco a ver com a lira de Gonzaga, mas também perderia certamente todo o encanto da versão russa, tão incorreta e tão honesta, tão afastada do texto de Gonzaga, pelas suas correspondências exteriores, e tão próxima do seu estro pela correspondência interior.

Escrevi este artigo aproveitando materiais que me chegavam da Rússia, embora praticamente não existisse então intercâmbio com instituições culturais do lado de lá. Assim, não tomei conhecimento de dois artigos que saíram sobre esse tema, nos *Anais da Academia de Ciências da URSS (Izviéstia Acadêmii Nauk SSSR)*, um deles anterior ao meu texto e outro um pouco posterior, assinados por um dos grandes estudiosos da relação entre literatura russa e as literaturas mundiais, M. P. Aleksiéiev, recentemente falecido. Os dois artigos foram por ele reelaborados e transformados num estudo que aparece em seu livro *Púchkin e a Literatura Mundial* (1). Graças a esse trabalho, dispoño agora de novos materiais sobre o problema em questão, e que nos permitem compreender melhor a relação Púchkin-Gonzaga.

Embora Púchkin tenha sido morto em duelo em 1837, foi somente em 1855 que o poema "Do Português" apareceu, encontrado entre os papéis do poeta por P. V. Ânienkov, estudioso da literatura russa, conhecido principalmente pelas suas memórias sobre os grandes escritores e poetas seus contemporâneos. O título se deve ao próprio Púchkin, e assim aparece nas edições de suas obras, acompanhado de uma anotação feita por ele no final: "Gonzago" (*sic!*).

Em meu artigo, eu apontava o ano de 1825 como o da criação do poema. Atualmente, costuma-se afirmar que ele foi escrito nesse ano ou um pouco mais tarde. "A história do surgimento desse texto e a data

de sua redação ainda não estão esclarecidas”, escreve Aleksiéiev.

Em nota a uma edição de obras de Púchkin, publicada em 1903, P. O. Morozov afirmava que o texto teria surgido na base da tradução francesa citada por mim. “No entanto, escreve ainda Aleksiéiev, Morozov não acrescenta nenhum argumento que corrobore esta afirmação, por isto ela não se apresentava até agora como indiscutível, e não excluía a possibilidade de outras suposições.”

N. O. Lerner escreveu, num artigo de 1916 (2), que, sendo o texto posterior à estada de Púchkin em Odessa, ele poderia ter se encontrado ali com “portugueses ou levantinos que falavam português”. B. V. Tomachévski diz, numa nota⁵, que um amigo do poeta, S. A. Sobolévski, poderia ter servido de intermediário entre o original português e o texto russo. “Não temos, porém, nenhuma informação que nos assegure que Sobolévski conhecia os poemas de Gonzaga e tenha escolhido para Púchkin justamente aquele”, acrescenta Aleksiéiev. “Sabemos apenas que Sobolévski já na década de 1820 interessava-se realmente pela língua e literatura portuguesas”. Aliás, entre as pessoas chegadas a Púchkin, havia outros interessados em poesia portuguesa, por exemplo o poeta P. A. Katiênin.

Na década de 1960, intensificou-se na Rússia o interesse pelo tema Púchkin-Gonzaga. Em 1964, saiu, como eu previa em meu artigo de 1962 (embora sem nenhum conhecimento desse trabalho), a tradução de I. A. Tiniánova das liras de Gonzaga e das *Cartas Chilenas*⁶. No prefácio, a tradutora escreve, depois de lembrar as edições portuguesas de Gonzaga: “Talvez algumas das pessoas chegadas a Púchkin, e que se interessavam pela literatura portuguesa, tenham tomado conhecimento de alguma dessas edições? Ademais, é difícil supor que uma tradução do francês, sem nenhuma consulta ao original, tenha sido designada

por Púchkin não como uma imitação ou um poema a partir de Gonzaga, mas sim, com uma indicação precisa da língua da qual se fez a tradução: ‘Do português’, embora o poeta cuidasse com tanta meticulosidade de cada matiz no significado das palavras”.

Finalizando o seu estudo, Aleksiéiev escreve: “As observações feitas por I. A. Tiniánova a respeito do original português e a tradução puchkiniana da ‘lira’ de Gonzaga são interessantes, mas apesar disso não decidem definitivamente o problema do texto do poema que Púchkin teve em mãos. Observemos, em relação a isto, que os eslavistas brasileiros de hoje continuam achando que a tradução de Púchkin tenha sido feita a partir da tradução francesa em prosa [...]” Segue-se uma citação de meu artigo sobre esse tema, há pouco transcrito.

Creio que, tanto no caso de Aleksiéiev como de Tiniánova, ficou faltando um cotejo do poema de Púchkin com o da tradução de Monglave e Chalas. Em meu artigo, eu me recusava categoricamente a expor em prosa algo que fora escrito em verso (e que verso!). Mas, agora, tenho de recorrer à “desprezível prosa”⁷, como dizia o próprio Púchkin, tão cômico do limiar entre uma e outra.

Pois bem, transpondo a passagem citada, temos: “Vindo de longe, a donzela aproximava-se de mim. Eu cantava, ao encontro de minha bela, tangendo a guitarra”. (Já que estamos lidando com uma tradução explicativa, diga-se, de passagem, que Púchkin usa em russo um termo bem onomatopaico: *briatzaia*).

Como se vê, ele afasta-se nesta passagem tanto do original de Gonzaga como de sua tradução francesa. Mas a substituição da “sanfoninha” por uma “guitarra” parece indicar maior proximidade com o texto de Monglave e Chalas. Aliás, se seguirmos a hipótese da tradutora, teremos de supor uma coincidência realmente inverossímil.

É verdade que subsiste o argumento de Tiniánova sobre a seriedade com que Púchkin encarava as nuanças de significado.

Sem dúvida, esta seriedade existiu, mas, ao mesmo tempo, havia no poeta um gosto pelo histriônico, pela mistificação. Veja-se, por exemplo, a liberdade com que incluiu três poemas, por ele criados, no "Cântico dos Eslavos Ocidentais". Aliás, os restantes baseiam-se ora de fato em textos populares cantados, ora num escrito de Prosper Mérimée, que é por sua vez mistificação quase completa⁸.

Se nos atemos unicamente ao fato de que, ao traduzir, ele era tão cioso da fidelidade ao original, e se trabalhou com a "lira" em português, por que teria substituído a "sanfonia" por uma "guitarra"?

A distância e precariedade dos intercâmbios culturais dificultam a abordagem de questões como esta. Em todo caso, ficam aqui estas poucas observações sobre um tema de tanto interesse para os estudos comparativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) ALEKSIÉIEV, M. P. *Púchkin i mirovaia literatura*. Leningrado, Naúka (Ciência), 1987.
- (2) LERNER, N. O. *Púchkin i portugálski poét (Púchkin e um Poeta Português)*. *Rúski bibliofil*, nº 3, 1916.
- (3) MONGLAVE, E. de & CHALAS, P. *Marilie - chants élégiaques de Gonzaga traduits du portugais*. Paris, CLI Panckoucke, 1825.
- (4) SCHNAIDERMAN, B. *Projeções: Rússia/Brasil/Itália*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
1. Professor titular (aposentado) de Literatura Russa, Universidade de São Paulo.
2. Boris Schnaiderman, "Púchkin, tradutor de Gonzaga", Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, 16.6.1992. Para escrevê-lo, efetuei o cotejo do texto de Púchkin com o de Gonzaga e com a tradução francesa nele citada. Pude localizá-la graças a uma indicação que aparece em *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido. Este me explicou então que eu poderia encontrá-la na seção de livros raros da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.
3. P. 127, vol. 1, da edição crítica de M. Rodrigues Lapa, Instituto Nacional do Livro, 1957; numeração tradicional: Lira IX da Parte II.
4. Púchkin abordou o problema das traduções literárias em diversos artigos, mas o seu estudo mais completo a respeito desse tema é "Sobre Milton e a Tradução de *O paraíso perdido* por Chateaubriand", publicado na revista *Sovremienik (O contemporâneo)* em 1837 - vol. VIII das *Obras completas*, edição da Academia de Ciências da URSS, 1958.
5. Edição de 1936 (Leningrado) das *Obras completas* de Púchkin.
6. Moscou, editora Khudójestvienaia literatura (Literatura), 1964.
7. Num verso do poema narrativo "Graf Núlin" ("O conde Núlin").
8. Prosper Mérimée publicou em 1827, sem assinatura, o livro *La Guzla, ou choix de poésies Illyriques, recueillies dans la Dalmatie, la Bosnie, la Croatie et l'Herzégovine*. Depois de publicar a sua coletânea, Púchkin, aparentemente sem saber dessa mistificação, pediu a um amigo, S. A. Sobolévski, que se informasse com Mérimée sobre quem seria o organizador e tradutor do livro francês. Este amigo recebeu uma carta muito espirituosa do escritor em que este confessava ter forjado os textos e dizia entre outras coisas: "Faites mes excuses à M. Pouchkine. Je suis fier et honteux à la fois de l'avoir attrapé". (Esta carta foi transcrita pelo poeta russo em seu prefácio à coletânea por ele publicada.)

